



UC/FPCE_2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Cyberbullying com um Twist: Crianças em Acolhimento residencial

Flávia Bastos Dias (e-mail: flaviabastosdias@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Educação,
Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação do
Professor Doutor Eduardo João Ribeiro Santos

Cyberbullying com um Twist: Crianças em Acolhimento Residencial

O presente trabalho demonstra em que medida as jovens que se encontra sob a medida de acolhimento residencial encaram as situações de cyberbullying a que são submetidas, assim como a percepção que têm como sendo cyber-vítimas ou cyber-agressoras.

É ainda demonstrado se a estigmatização desempenha um papel primário quanto às agressões virtuais sentidas pelas jovens.

Palavras -chave: redes sociais, uso da internet, cyberbullying, ciber-agressores, ciber-vítimas, consequências do Cyberbullying, Motivações do cyberbullying, Acolhimento residencial, défices e estigmatização

Cyberbullying with a Twist: Children in foster Care

The present study shows in which way young people in foster care face cyberbullying situation on which they are submitted as well as their perception as cyber-bullies and cyber-victims.

This study also demonstrates the primary role that stigmatization has, when it comes to virtual agressions felt by the young people in foster care.

Key Words: social network, internet use, cyberbullying, cyber-bully, cyber-victim, consequences of cyberbullying. Cyberbullying Motivations, foster care, deficits and stigmatization

Agradecimentos

Aos meus irmãos Catarina, Clara e Tiago pelo apoio incondicional que demonstraram em todos os momentos.

Aos meus pais Joaquim e Sandra por estarem prontos a esclarecer qualquer dúvida

Aos meus avós, tios e primos que me apoiaram no desenvolvimento deste trabalho, em especial há minha avó Maria que em nenhum momento me deixou desistir

À Andreia e Margarida pela ajuda, paciência, amizade e companheirismo que ao longo de todos os anos de faculdade demonstraram. Estando sempre presentes nos momentos de alegrias e tristezas

À Dra. Sónia e toda a CPCJ de Leiria, que me permitiram uma experiência que levarei para a vida.

Às jovens e casa de acolhimento participantes neste trabalho pela abertura e acolhimento demonstrados.

Ao Prof. Doutor Eduardo Santos pelo apoio no presente trabalho.

Índice

Introdução.....	1
I-Enquadramento Conceptual.....	2
1. Crianças e jovens na Internet.....	2
1.1 Acesso e uso.....	2
1.2 Atividades na Internet.....	2
1.3 Redes Sociais.....	4
1.4 Risco e Dano.....	5
2. Cyberbullying.....	7
2.1 Conceito.....	7
2.2 As modalidades do Cyberbullying.....	8
2.3 Intervenientes no Cyberbullying.....	9
2.4 Consequências do Cyberbullying.....	12
2.5 Motivações para cyberbullying.....	14
3. Uma Criança, um jovem e uma instituição.....	15
3.1 O contexto institucional e o desenvolvimento das crianças e jovens.....	15
3.2 O impacto físico e emocional e efetivo numa criança institucionalizada.....	17
3.3 Amy e a Internet.....	20
II-Objetivos.....	21
III-Metodologia.....	21
4.1 Participantes.....	21
4.2 Instrumentos.....	22
4.3 Procedimentos.....	22
IV-Resultados.....	22
5. Estudo de Caso.....	25
5.1 Maria “além-fronteiras”.....	25
5.2 Leonor “a ansiosa”.....	27
V-Discussão.....	30
VI-Conclusão.....	32
Bibliografia.....	33
Anexos.....	35

Índice de Tabelas

Tabela 1. Resultados da escala CYB-AGRES.....23
Tabela 2. Resultados da escala CYBVIC.....23
Tabela 3. Resultados da escala BDI-II.....24
Tabela 4. Resultados BAI.....25

Introdução

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos distintos.

O primeiro contém uma visão geral do mundo digital e da sua utilização pelos jovens Portugueses.

O segundo capítulo foca-se num problema crescente na sociedade e tema central do presente trabalho, o cyberbullying. Muitas vezes visto como um tema exageradamente estudado, ou ainda esgotado, mas facto é que por muita informação que haja poucas soluções são eficazes, ou pelo menos este fenómeno não é tido ou encarado como a ameaça que é.

É um problema que atinge qualquer idade, estatuto e género. Tendo em atenção ainda que as minorias são as mais afligidas e as mais procuradas pelos conhecidos cyber-agressores.

Esta problemática é ainda infundida pela sua própria natureza invisível e outras vezes indetetável e se não indestrutível.

Ao longo deste trabalho serão contadas histórias que revelam a natureza cruel deste mesmo problema, e por isso a preferência por uma via de estudo qualitativa e não quantitativa.

O terceiro capítulo liga-se a um grupo frágil da sociedade, as crianças institucionalizadas que como será possível perceber, tornam-se alvos fáceis tanto para se tornarem agressores como para se tornarem vitimas. Cambaleando pelas instituições correndo alguns riscos digitalmente, que nem sempre são detetados a tempo.

O quarto capítulo dedica-se à exploração dos resultados obtidos e o final e quinto capítulo explora as entrevistas de duas jovens em acolhimento residencial, que voluntariamente participaram, dando uma voz às suas próprias histórias.

I-Enquadramento Conceptual

1. Crianças e jovens na Internet

1.1 Acesso e Uso

Analisando os dados fornecidos pelo relatório NCGM, 2014, a idade do primeiro acesso está entre os 9-10 anos de idade, coincidindo com o final do 1º ciclo e início do 2º ciclo. (Simões, Ponte, Ferreira, Doretto, Azevedo, 2014)

Por trás desta descoberta podem estar um conjunto de razões, no caso de Portugal em 2010 foi o ano dos conhecidos Magalhães apresentados nos programas e-escolas e e-escolinhas. Abrindo portas ao mundo digital a muitas casas Portuguesas incluindo às mais desprovidas economicamente. (Ponte & Simões, 2015)

Cada vez mais cedo os meios digitais são utilizados, smartphones, telemóveis e portáteis inclusive com a permissão dos pais porque facilitam a comunicação e a gestão de horários. (Ponte & Simões,2015,).

Aliada a esta situação e como é óbvio pelo fluxo tomado pela utilização da internet, é a criação de um perfil na rede social mais conhecida, o Facebook. De acordo com os dados nacionais um quarto das crianças portuguesas entre os 9 e 10 anos já possui um perfil no Facebook. Como justificação dada para tal acesso e criação precoce é a mudança de ciclo e a necessidade de manter contacto com antigos colegas (Ponte & Simões,2015).

1.2 Atividades na Internet

As atividades são difíceis de classificar como boas ou más, pois dependem do contexto e de quem as pratica. Facto é de que as crianças que exploram mais atividades na internet, mais riscos encontrarão embora isto por si só seja um aspeto negativo, as experiências vividas em cada situação tornam as crianças mais resilientes e conhecedoras de como reagir futuramente (Simões et al, 2014).

As atividades identificadas com maior incidência são ouvir música, ver vídeo clips, estar nas redes sociais e trocar mensagens instantâneas. As redes sociais e a audição de música são as grandes líderes neste nível. Sendo

que a audição de música representa dos 9 aos 12 anos, 29% para os rapazes e para as raparigas 30%. E dos 13 aos 16 anos, a música representa 72% para os rapazes e 70% para as raparigas. As redes sociais dos 9-12, para os rapazes representam 28% e para as raparigas 24%, no entanto estes números em especial para o género feminino sofrem uma grande viragem com a idade, dos 13 aos 16 anos, as redes sociais representam para os rapazes 68% e para as raparigas 71%.

Facto curioso, cerca de 50% dos utilizadores portugueses da internet entre os 9-16 anos concretizam estas atividades todos os dias e ainda as concretizam em simultâneo (Simões et al, 2014).

Ainda nesta temática cerca de 37% utiliza a internet para jogos sozinhos e/ou contra o computador, e um terço para a satisfação de curiosidades triviais pessoais. Um quinto aponta para os jogos online com outras pessoas, os trabalhos escolares, visita aos conhecidos chat rooms, download de filmes e de aplicações gratuitas.

As atividades também diferem ao nível do género e idade. De acordo com a medida que a idade aumenta também aumenta a dedicação a diferentes atividades, traduzindo assim num aumento progressivo no leque de atividades havendo uma ascensão das oportunidades digitais (Livingstone e Helsper citado por Ponte & Simões, 2015). Posto isto, a intensidade da utilização da internet e a diversidade de atividades aumentam simultaneamente com a idade, não obstante esta evolução também permite a aquisição de competências que diversificam o uso (Ponte & Simões, 2015).

No que diz respeito aos mais novos, cerca de metade dos rapazes referem que preferem jogar sozinhos e contra o computador, ao ponto que apenas um quinto das raparigas refere esta como uma das atividades.

Nos adolescentes as raparigas sobrepõem-se nas redes sociais, chat rooms, satisfação de curiosidades triviais pessoais, a utilização da internet para a realização de trabalhos de casa e ainda no que diz respeito ao download de filmes. Por outro lado os rapazes são apontados como os que mais vêm videoclips e as transmissões televisivas online, também se destacam pela leitura de notícias online

Atividades que implicam a criação de conteúdos e compras online apresentam um valor reduzido. (Ponte & Simões, 2015).

1.3 Redes sociais

Como foi visto no ponto anterior as redes sociais têm uma grande afluência por parte dos adolescentes, sendo inclusive líderes nas atividades diárias.

É sem dúvida uma temática crescente e em que muitas vezes as barreiras da privacidade que proporciona, são muitas vezes questionáveis e alvos de discussões, afinal qualquer um pode encontrar qualquer um.

De acordo com o relatório Net Children Go Mobile, cerca de três em quatro crianças portuguesas referem ter um perfil numa rede social. (Simões et al, 2014) Este perfil, de acordo com os dados portugueses 24% dos mesmos são públicos (Ponte & Simões,2015).

O Facebook é a rede social mais conhecida, tendo em mente que em 2014, esta rede quase faz o pleno das redes mais usadas para ter um perfil, tanto referida por rapazes como por rapariga. Já em 2010, era também a líder sendo que o Hi5 ainda tinha alguma réstia de popularidade. O Instagram surge como a segunda rede mais referida, por cerca de um quinto dos internautas adolescentes. (Simões et al, 2014)

O aumento no mundo das redes sociais e por conseguinte no Facebook acontece de forma radical entre os 11 e os 12 anos, cerca 80% referem ter um perfil numa rede social, atendendo ao facto de que aos 9 e 10 anos esse valor é de 26%. A variável género e a variável socioeconómica são pouco expressivas neste aspeto, sendo que tanto rapazes e raparigas estão presentes nas redes sociais. (Simões et al, 2014)

A presença de perfis em plataformas de partilha de ficheiros, como o YouTube, é referida por cerca de um terço (32%) dos internautas portugueses. (Simões et al, 2014)

Indica que a privacidade desempenha um papel crítico no desenvolvimento da identidade pessoal, autonomia, intimidade e a capacidade de aprender as questões de abertura e distância nas relações sociais (Van Manen 2010 citado por Ponte & Simões,2015).

Neste sentido faz sentido explorar a extensão da informação que é passada dentro das redes sociais, incluindo a exposição de imagem.

A maioria dos utilizadores portugueses tem no seu perfil o apelido e uma foto que o identifica, algo expectável numa rede social como o Facebook. Apesar disto as crianças mais novas são mais relutantes em

colocar uma fotografia que as identifique. No entanto tal como explorado anteriormente existe uma grande viragem entre a infância e adolescência no que diz respeito ao mundo virtual, especialmente nas raparigas que atingem os 88% no que concerne a exposição de imagem, destacando-se inclusive dos rapazes da mesma idade. (Ponte & Simões,2015).

Os rapazes mais velhos e as raparigas mais novas, revelam mais depressa os apelidos. As crianças e os mais velhos revelam ainda a escola, sendo que as raparigas são presentes em ambas as faixas etárias (Ponte & Simões,2015).

Apesar das revelações que são feitas quer por novas quer por mais velhos, existe ainda algumas reservas nas crianças quanto a revelação da idade certa, sendo que 73% das crianças e jovens entre os 9 aos 12 anos não revelam a sua idade verdadeira. Já na faixa etária seguinte esta percentagem baixa para os 48%. Sendo que as raparigas voltam a prevalecer nesta temática.

1.4 Risco e Dano

Nos últimos anos a investigação sobre esta temática aumentou. O relatório Net Children Go Mobile (2014) trouxe à luz algumas conclusões.

Tendo em conta a evolução que as redes sociais têm vindo a ter, juntamente com o seu uso cada vez mais precoce, continua a ser necessário e justificado investigar e identificar as novas condutas que podem vir a ser empregues pelos mais novos.

No relatório foram descritos e explicados os conceitos que eventualmente os poderiam de alguma forma criar uma situação de incómodo.

Segundo os dados do NCGM, 10% das crianças e adolescentes ficaram incomodados ou chateados por alguma experiência na internet.

No que diz respeito ao género os rapazes têm mais incidência nas experiências perturbadoras relacionadas com smartphones

Ao nível da idade, os mais velhos referem mais esta problemática, algo que parece não ser tão manifestado pelos mais novos. Podendo esta situação estar relacionada com um maior uso por parte dos mais velhos e ainda com a experiência que têm com os meios digitais.

A variável socioeconómica traz resultados interessantes. Nas

famílias de estatuto socioeconómico mais baixo as experiências perturbadoras acontecem através dos meios móveis, como o smartphone. Já nas famílias com um estatuto socioeconómico mais alto as experiências não acontecem por estes meios.

Nas experiências de Monteiro e Osório também foi explorada a percepção que os participantes tinham do risco, tendo sido reconhecido de várias formas, através do contacto com estranhos, a criação de falsas amizades online, a ofensa por pedófilos, o envolvimento em experiências de fragilização psicológica resultantes em suicídio e a viciação na internet. (Monteiro e Osório,2011). O vício da internet prende-se pela incapacidade que algumas pessoas sentem em se desligarem da internet.

Na mesma investigação, no que diz respeito a estratégias de segurança online, os participantes identificavam-nas como o não fornecimento ou falseamento de dados pessoais, a recusa do contacto com estranhos e a navegação em sites desconhecidos. Facto curioso é de que os participantes admitiram interagir com estranhos, embora reconhecessem o risco. (Monteiro e Osório,2011)

Monteiro e Osório nas suas conclusões elencam algumas linhas que permitem uma vivência saudável online, vendo o risco como uma experiência natural que poderá eventualmente contribuir para a aprendizagem e crescimento. Para Monteiro e Osório (2011) é necessário:

Reconhecer que as crianças têm as suas próprias expressões culturais e identitárias, merecedoras de respeito e valorização por parte dos adultos; têm experiências online individualizadas, nas quais oportunidade e risco surgem como práticas difíceis de distinguir; Possuem competências distintas para a manipulação de tecnologias; São capazes de reconhecer o seu papel pró-ativo na exposição ao risco; reconhecem a existência de riscos associados ao uso da Internet e descrevem comportamentos seguros; não põem em prática comportamentos seguros que descrevem; não definem risco a partir da sua própria experiência, mas tendo como fontes sobretudo os meios de comunicação social; preocupam-se em particular com a possibilidade de ficarem viciados na internet. (Monteiro e Osório,2011, p.1375)

2. Cyberbullying

2.1 Conceito

Durante algum tempo os noticiários dedicaram bastante tempo à realidade escolar do Bullying, foram feitas campanhas e chamadas de atenção para esta situação. No entanto por fruto da própria sociedade o bullying tomou outras proporções e com este um novo conceito, Cyberbullying.

Segundo Belsey (2005) e Tokunaga (2010), o cyberbullying pode ser definido como:

O envio, levado a cabo por um indivíduo ou um grupo, de forma repetida, através das TIC, de mensagens deliberada e intencionalmente agressivas, ofensivas, humilhantes, hostis, incómodas e/ou prejudiciais para a reputação de um determinado sujeito/vítima que terá sempre dificuldade em defender-se, independentemente das suas estratégias de coping face ao problema e das medidas que vier a tomar posteriormente. (Amado & Matos, 2015)

O cyberbullying adquire diferentes expressões em função dos meios de comunicação usados e da natureza dessa mesma comunicação (Amado, Matos, Pessoa & Vieira, 2014, citado por Amado & Matos 2015)

O cyberbullying assenta, não no domínio pela força física, mas noutras fontes de poder, associadas a competências e a outras vantagens no domínio das tecnologias, o que acrescenta novas facetas ao perfil dos agressores e das vítimas (Amado, Matos, Pessoa & Jager, 2009).

Para além da diferença mais notória entre o bullying e o cyberbullying, sendo o uso das TIC, existem outras diferenças que tornam este fenómeno mais nocivo e incontornável. Entre elas está o anonimato, a transcendência do espaço físico e do tempo e o número de espetadores. (Amado & Matos, 2015).

O anonimato acarreta consigo novos aspetos e problemas, pois permite que este tipo de interação seja feito tanto para conhecidos como para desconhecidos, tornando este tipo de comunicação ainda mais atraente (Neves & Pinheiro, 2009 tal citado por Amado, Matos, Pessoa & Jager, 2009). Aleado a este facto o anonimato cria a possibilidade de os agentes agressores nem sequer virem a tomar consciência das consequências dos

seus atos sobre as vítimas. (Oliveira, 2008 citado por Amado, Matos, Pessoa & Jager, 2009).

O equilíbrio de poder e a repetição outrora atribuídos ao mais forte e à perseguição da vítima, são dois conceitos que sofrem algumas mutações no que diz respeito ao cyberbullying.

O equilíbrio de poder é agora associado às capacidades técnica e informáticas de um bully e ainda a associação a diferentes grupos de internautas que em conjunto assediam e agridem virtualmente uma pessoa e/ou até mesmo um conjunto de pessoas (Grigg, 2010)

A repetição prende-se agora pela própria inovação da internet, dando uma justificação à frase “Uma vez na internet, nunca mais saí da Internet”

O problema da repetição está no facto de esta estar intimamente ligada com as vezes que o vídeo, comentário ou foto/imagem é vista e partilhada entre os vários espetadores. (Smiths et al, 2008; Vandebosh & Van Cleemput, 2008 citado por Grigg, 2010) O que torna o impacto psicológico ainda maior e devastador (Gillespie, 2006; Smith et al, 2008 citado por Grigg, 2010)

O fenómeno da repetição dá lugar a um novo participante, o espetador, este pode perpetuar ou desvalorizar o ato cometido e até mesmo ignora-lo. (Smith et al, 2008 citado por Grigg, 2010)

O cyberbullying é então um ato nocivo cuja as consequências do são amplificadas, uma vez que as agressões podem difundir-se facilmente e com enorme rapidez, e manter-se, infinitamente no espaço virtual (Willard 2005, citado por Amado, Matos, Pessoa & Jager, 2009).

2.2 As modalidades do Cyberbullying

As diferentes modalidades de cyberbullying podem classificar-se através de duas grandes dimensões: a natureza da mensagem e o tipo de tecnologia utilizada para difundir. (Amado & Matos 2015)

Quanto ao tipo de tecnologia utilizada, Smith, Mahdavi, Carvalho, Fisher, Russel & Tippet (2008) propunham a distinção entre Cyberbullying via telemóvel e Cyberbullying via Internet, no entanto Amado & Matos mencionam que há necessidade de haver uma revisão desta distinção visto que atualmente um telemóvel pode facilmente aceder à Internet, cruzando ambos os conceitos (Amado & Matos, 2015)

São várias as tipologias utilizadas para classificar as várias expressões do cyberbullying, para fins do presente trabalho utilizarei a apresentada por Amado e Matos (2015).

Insultar- Utilização da Internet para cometer ataques verbais diretos ou por via de imagens, para fazer ameaças de danos.

Excluir – Expulsar alguém de um grupo online, de forma cruel e intencional, criando na vitima fortes sentimentos de rejeição.

Discussão acesa – Discussão online utilizando mensagens com linguagem agressiva, entre parceiros numa situação de relativo equilíbrio de poder.

Revelar segredos/chantagear – Partilhar, através das TIC, informações pessoais, secretas ou embaraçosas de alguém, bem como as suas imagens privadas, provocando vergonha ou humilhação e como forma de chantagear para obter benefícios materiais e/ou sexuais.

Difamar/Denegrir – Trata-se de dizer mal de alguém nos diversos sítios da Web.

Ciber-perseguição – Assédio repetido e muito violento, que inclui ameaças, pelo que o seu impacto na vitima pode causar medos de grande intensidade.

Dissimular/ Usurpar a identidade – Fingir que se é uma outra pessoa, depois de lhe usurpar dados pessoais como passwords, e enviar ou publicar material com o objetivo de lhe arranjar problemas.

Aliciar ou fingir-se amigo – Convencer alguém a revelar segredos ou informação embaraçosa, com o intuito de a partilhar online.

Mensagens de cariz sexual – Enviar ou receber mensagens ou imagens de cariz sexual, tais como fotos de nu parcial ou total, para serem vistas por outros colegas e amigos. (Amado & Matos, 2015, p.85)

2.3 Intervenientes no Cyberbullying

Existe um conjunto de intervenientes que constituem o círculo do cyberbullying, comecemos então pelo perfil de uma Ciber-vitima.

A probabilidade de se tornar vítima de cyberbullying aumenta com o progresso da adolescência, (Kowalski, Limber & Agatston, 2008 citado por Amado & Matos, 2015) A percentagem de vítimas é menor entre os 15-18 anos e maior nos adolescentes entre os 12 e 15 anos (Slonje e Smith, 2008 citado por Amado & Matos, 2015)

Ainda de acordo com os dados do EU Kids online, aplicado a jovens entre os 11 e os 16 anos demonstram que a utilização das redes sociais aumenta com idade e que por isso o risco de se tornar vítima também aumenta. (Amado & Matos, 2015)

Ainda a acrescentar, que através de um estudo quantitativo acerca do cyberbullying que as idade em que existe uma maior incidência deste problema encontra-se entre os 13 e os 15 anos de idade. (Tokunaga tal citado por Amado & Matos, 2015).

A variável género não é especialmente conclusiva, sendo que alguns estudos não revelam qualquer diferença entre rapazes e raparigas no que toca ao cyberbullying. Ao ponto que outros como revelam que as raparigas parecem ser mais suscetíveis à vitimização. (Tokunaga, 2010 citado por Amado & Matos, 2015) O envolvimento das raparigas nestas situações em particular relaciona-se com a idade, visto que a incidência destes casos acontece em idades mais baixas. (Smith et al., 2008 e Hinduja e Patchin 2010b citado por Amado & Matos, 2015). E dilui com a chegada ao secundário (Kowalski et al 2008, citado por Amado & , Matos 2015)

A orientação sexual, é definitivamente um fator de suscetibilidade para situações de agressão online. (Willard, 2007b, citado por Amado & Matos, 2015)

Existem ainda fatores de ordem psicossocial e psicológica que parecem contribuir de maneira efetiva para a constituição de uma vítima.

A baixa autoestima e um elevado nível de ansiedade são características encontradas nas vítimas de cyberbullying. (Patchin & Hinduja, 2010, citado por Amado & Matos, 2015) Os jovens menos populares e com problemas afetivos são mais frequentemente vítimas (Del Barrio, 2013, citado por Amado & Matos, 2015). As vítimas reproduzem mais comportamentos depressivos e hostis, sendo que são mais dependentes da Internet e assumem riscos relacionados com o uso da Internet, revelando mais facilmente os seus dados pessoais. (Vandebosh e Van Cleemput, 2009

tal como referido por Amado & Matos)

As vítimas suportam melhor as agressões a que estão sujeitas do que a desconexão em relação às novas tecnologias e isso talvez explica o silêncio, para que não lhe sejam retirados os seus meios de acesso. (Bauman (2010, citado por Amado & Matos, 2015)

No reverso da moeda encontram-se os ciber-agressores, os agressores são considerados como crianças e jovens mal adaptados, com baixa autoestima e hiperatividade, associado a este perfil encontram-se outros comportamentos como a tendência para o vandalismo, roubo, consumo de tabaco e de álcool e outros comportamentos de risco (Patchin e Hinduja, 2010, citado por Amado & Matos, 2015)

Num estudo feito, foi comprovado que os cyber-agressores identificavam-se como tendo capacidades elevadas ou de nível expert no que diz respeito às tecnológicas e de conhecimento sobre a Internet, a par disto os níveis de de supervisão parental são baixos comparativamente a outros jovens (Ybarra e Mitchell, 2004, citado por Vandebosh & Van Cleemput, 2009).

Alguns autores mencionam que o cyber bully ou ciber-agressor pode ser menos consciente dos seus atos, o que se deve ao facto de não haver um feedback direto, confundindo-se nas linhas de invisibilidade e anonimato, o que impede qualquer sentimento de empatia pela vítima e inclusive a perceção de uma possível punição ser reduzida. (Amado & Matos,2015)

As ciber-vitimas e ciber-agressores, embora com definições diferentes são por muitos autores mencionados que não existe uma linha que os delimita, muitas vezes uma ciber-vítima é também um ciber-agressor e por conseguinte um ciber-agressor é muitas vezes uma ciber-vítima. (Amado & Matos, 2015)

Tal como no bullying tradicional, o cyberbullying chama a atenção dos conhecidos espetadores e tal como na vivência real são estes os grandes motivadores ou desmotivadores do ato (Holfeld, 2014)

O facto de haver uma audiência praticamente ilimitada no mundo virtual representa por si só uma oportunidade para o espetador interferir (Holfeld, 2014). No entanto e embora já estudado isto nem sempre representa uma grande probabilidade de que realmente exista algum tipo de intervenção do espetador (Latane & Darley, 1970 citado por Holfeld, 2014).

Os espectadores podem ainda acreditar que a sua intervenção não é necessária e que alguém irá intervir, no entanto pouco ainda é conhecido acerca dos fatores que impulsionam ou desmotivam uma intervenção por um espectador (Holfeld, 2014).

Os espectadores no que diz respeito ao mundo virtual têm uma presença virtual e potencialmente anónima. (Mishna, Saini, & Solomon, 2009; Vandebosch & Van Cleemput, 2009 e Mishna et al, 2010, citado por Holfeld, 2014)

No entanto a capacidade de um espectador intervir numa situação de cyberbullying é limitada ao tipo de cyberbullying utilizado. Em tom de exemplo, se se tratar de um vídeo ou imagem no domínio público, um espectador mais depressa intervirá. Por outro lado se se tratar de uma situação de cyberbullying num domínio privado, por exemplo através do e-mail, isto por si só delimita uma possível intervenção de um espectador. (Holfeld, 2014)

Concluindo com uma frase de Hinduja and Patchin (2009) “Ao fazer nada, um espectador já está a fazer algo” (Holfeld, 2014).

2.4 Consequências do Cyberbullying

As consequências do cyberbullying são entre os vários estudos realizados até à data, consensuais com as consequências observadas no bullying tradicional. No entanto é necessário prestar atenção aos fatores de vulnerabilidade que sem dúvida interagem continuamente com a perceção que o jovem numa situação de cyberbullying é forçado a sentir, dando ênfase ao sentimento de incompetência. (Amado & Matos, 2015)

Nas vítimas surgem sentimentos de frustração, raiva, tristeza, desesperança, solidão, e ainda todo um conjunto de queixas do foro psicossomático e de comportamentos aditivos. (Mc Guckin et al, 2012, citado por Amado & Matos, 2015)

Citando um estudo de Ybarra, Diener-West e Leaf (2007) é possível comprovar de forma assustadora que uma das consequências mais sentidas pelas vítimas é o clima de insegurança sendo que tinham oito vezes maior probabilidade do que outros jovens, de levar uma arma para a escola. (Ybarra, Diener-West e Leaf, 2007, citado por Amado & Matos, 2015)

No entanto as consequências não se prendem apenas pelo sentimento de insegurança, há consequências mais graves como os comportamentos

autodestrutivos tal como a automutilação e ideações suicidas.

Num estudo feito por Hinduja e Patchin (2009) a 1963 estudantes, foi possível concluir que existe uma relação entre pensamentos suicidas e a vitimização online. (Hinduja & Patchin, 2009)

Uma das conclusões retiradas foi de que os alunos entre o 2º e 3º ciclo vítimas de agressões online, tiveram uma pontuação maior na escala de ideação suicida em comparação com os estudantes que não sofreram qualquer tipo de situação de agressão online. Sugerindo assim que os jovens que são vítimas de agressões online estão em risco de cometer suicídio. (Hinduja & Patchin, 2009)

Posto isto achei necessário ir mais longe e partilhar uma das histórias contadas no artigo posteriormente identificado.

Durante cerca de um mês, a Megan correspondia exclusivamente com um rapaz online porque ele lhe disse que não tinha telemóvel e que frequentava o ensino doméstico. Um dia em Outubro de 2006, a Megan recebeu uma mensagem no MySpace a dizer: “ Eu não sei se quero continuar a ser teu amigo, porque soube que não és simpática com os teus amigos (“Parents”, 2007 citado por Hinduja & Patchin, 2009).

Isto foi seguido por “posts” através do MySpace que identificavam a Megan como “gorda” e “cabra”. Pouco tempo depois Tina Meier encontrou a filha pendurada no armário da roupa. Embora tenha corrido para o hospital com a filha, a Megan acabou por falecer no dia seguinte...O perfil do rapaz foi criado pela mãe de uma colega da Megan pois queria descobrir o que é que ela dizia da sua filha. (Hinduja & Patchin, 2009, p.68-69)

Hinduja & Patchin (2009) também chamam a atenção para o facto de Megan sofrer de autoestima baixa e depressão, estando ainda medicada na altura em que cometeu suicídio. (Hinduja & Patchin, 2009)

Esta situação em particular comprovam a circularidade e a contínua interação entre os fatores de vulnerabilidade mencionados por Amado & Matos (2015).

Posto isto é necessário manter um olhar atento a estes jovens em particular. Vítimas online e offline sem que ninguém se aperceba.

2.5 Motivações para o cyberbullying

Um dos motivos mais apontados era a retaliação (Gradinger, Strohmeier e Spiel, 2012 citado por Amado e Matos, 2015). No entanto no que diz respeito aos rapazes os motivos variam entre afirmação de poder e o gozo/divertimento.

Amado e Matos (2015) mencionam que no projeto C-DSP verificou que as vítimas e os agressores têm pareceres diferentes no que toca às motivações. As vítimas apontam como razões a inveja, o ciúme, a falta de respeito, o sentimento de superioridade e a imaturidade. (Amado & Matos, 2015) Os agressores enfatizam ainda a vingança, a retaliação, a brincadeira e a fuga ao tédio. (Caetano et al 2014b, citado por Amado & Matos).

Consoante o género e a idade as motivações também variam. No que diz respeito às raparigas os motivos principais apontados são os instrumentais de afiliação, ao ponto que os rapazes apontam para questões de gozo e diversão (Livro Caetano et al. 2014b, citado por Amado & Matos, 2015)

No que diz respeito à questão de idade os motivos de inveja e retaliação parecem ser os mais apontados pelos mais jovens, por outro lado os mais velhos apontam o divertimento como a razão principal para participar e criar situações de cyberbullying. (Amado & Matos, 2015)

Existem vários fatores que podem estar por de trás dos motivos do cyberbullying, podem ser de ordem pessoal, familiar, escolar e sociocultural. O facto das motivações que impulsionam o uso do cyberbullying se deverem a múltiplos fatores é necessário, ter uma abordagem sistémica acerca deste fenómeno que faz cada vez mais parte da cultura virtual. (O'Moore et al, 2012, citado por Amado & Matos, 2015)

Num estudo feito por Hinduja e Patchin (2009) 22,5% dos jovens eram motivados por fatores relacionados com vingança; 18,7% reportaram que a vítima o merecia e cerca de 10.6% indicavam que o tinham feito por diversão; 3.9% porque não gostavam da pessoa; 3,5% porque outros o faziam; 2,8% porque as vítimas os chateavam na escola; 2,5% para descarregar a minha raiva 3 finalmente 5,7% por outras razões. (Hinduja & Patchin, 2009)

Um outro motivo detetado relaciona-se com as rápidas mudanças cognitivas, emocionais e sociais. Um adolescente mais impulsivo, quando apresentado com a possibilidade de assediar alguém poderá ceder à

impulsividade, dando lugar às emoções e atitudes em vez de dar lugar a um pensamento lógico e razoável (Gruber e Yurgelun-Todd, 2006 citado por Hinduja & Patchin, 2009).

Os autores deste estudo ainda mencionam uma característica provavelmente inerente à própria motivação, que é o facto de que os adolescentes não percebem qualquer maldade quando têm comportamentos de cyberbullying e por isso era necessário que histórias como a da Megan se fizessem ser ouvidas e presentes.

3. Uma criança, um jovem e uma instituição.

3.1 O contexto institucional e o desenvolvimento das crianças e jovens.

Como é disposto na LPCJP (Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo) a intervenção é iniciada a partir do momento em que os direitos das crianças e jovens são descorados pelas pessoas que teriam a responsabilidade de os proteger. É neste contexto que surge o acolhimento residencial, como é agora apelidado após as mudanças introduzidas à LPCJP no dia 8 de Setembro de 2015.

É ainda importante refletir, e citando as palavras de Camacho (2012), a decisão de retirar a criança do meio familiar ou ambiente em que ela vive e a posterior colocação em instituição, é um momento de grande sofrimento emocional para a criança. (p. 54)

A medida de acolhimento residencial define-se da seguinte forma:

Consiste na colocação da criança ou jovem numa Entidade, que disponha de instalações, equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garanta os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcione condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral. (Reis, 2009 citado por, Camacho, 2012, p.49)

O acolhimento residencial, embora não ideal, é uma resposta dada ao nível legal, a intervenção tutelar educativa admite-se quando se manifesta uma atuação desviante do menor “...que torne clara a rutura com elementos nucleares da ordem jurídica”, legitimando o Estado para “...educar o menor mesmo contra a vontade de quem está investido no poder paternal” (Rodrigues & Duarte-Fonseca, 2000

citado por Alvarez, Baptista, Carvalho, 2014, p. 51)

A medida de acolhimento residencial é proposta quando é reconhecida a necessidade de um afastamento do jovem do seu meio habitual. Visa ainda uma intervenção educativa e formativa, tanto quanto possível específica para cada menor e “corrigir a personalidade do menor no plano do dever ser jurídico e manifestando na prática do ato” (Rodrigues & Duarte-Fonseca, 2000 citado por Alvarez, Baptista, Carvalho, 2014).

Após esta afirmação, as autoras Alvarez, Baptista, Carvalho (2014) levantam duas questões essenciais. Em primeiro lugar, embora o jovem seja visto como um ser ativo a eficácia das medidas dependerá sempre e acima de tudo do empenho e das idealizações que os responsáveis sociais evocam na tentativa de resolução de problemas e das situações de perigo em que os jovens se encontram muito mais que qualquer enumeração legal das medidas. A segunda questão reverte naquilo que diz respeito à estigmatização das crianças e jovens, afinal se é feita uma separação entre jovens em perigo e jovens que não estão em perigo, será isto para proteção da sociedade ou será uma verdadeira questão de reinserção social. (Alvarez, Baptista, Carvalho 2014)

De acordo com o Department of Health (1998, p.51) as crianças e jovens institucionalizados e lares representam um subgrupo pequeno e invulgar das crianças em risco (Alvarez, Baptista, Carvalho 2014)

Analisando os números em Portugal, o sexo feminino prevalece, sendo que as faixas etárias entre os 6 e os 10 anos e ainda dos 13 aos 15 anos são as que apresentam uma taxa maior de incidência. (Alvarez, Baptista, Carvalho 2014)

Os motivos apontados que levam à imposição desta medida são de acordo com Alvarez, Baptista, Carvalho (2014, p. 52) “a negligência, abandono por parte dos pais, maus tratos físicos/psicológicos ou comportamentos disruptivos exibidos pela própria criança.”

Hoje em dia a medida de acolhimento residencial tem sido severamente criticada no que diz respeito à proteção infantil. Camacho (2012) descrevia um ciclo incontornável, uma vez que as instituições eram depreciadas, também as crianças que delas dependem, comportam em si mesmas esta imagem preconizada pelo público em geral. Tornando uma medida protetora e com o objetivo de criar oportunidades para as crianças,

uma medida perpetuadora do maltrato e estigmatizadora.

O insucesso desta medida de proteção da criança e jovem pode dever-se a “carências, insuficiências ou por negligência, quando os recursos disponíveis não são suficientes para responder ao problema com expectativas razoáveis de resolvê-lo”. (Linares,2002 citado por Camacho, 2012, p.52)

Camacho (2012) entende que o acolhimento residencial deve ser vista como uma oportunidade de ganhos efetivos, tanto para a criança como para a família. O acolhimento residencial deve ser uma mais-valia para a criança que necessita de acolhimento, retirando-a de uma situação de perigo. (Camacho, 2012)

Ainda segundo Camacho (2012) o dever das instituições de acolhimento passam pela garantia dos requisitos necessários à proteção inerentes a cada criança

Para uma integração social das crianças é necessário uma articulação de vários domínios, integrando uma política que permita mudar uma situação socialmente desfavorável através da inclusão na educação. (Sarmiento,2000 citado por Camacho, 2012)

É importante referir que a medida de acolhimento residencial, como agora é apelidada pela LPCJP (Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo) de 8 de Setembro de 2015 e de acordo com Camacho (2012), é a medida apropriada para muitas crianças podendo inclusive ser essencial para a solução dos problemas que a levaram a ser retirada da própria família. Tal como mencionado anteriormente a medida de acolhimento residencial é benéfica desde que estejam asseguradas as condições básicas que visam o seu bem - estar e qualidade de vida. (Camacho, 2012)

3.2 O impacto físico emocional e afetivo numa criança institucionalizada

Utilizando as palavras de Camacho (2012), num processo de acolhimento residencial existem alguns riscos a ter em conta e que se estes não forem considerados, poderão prejudicar as crianças em que esta medida é imposta. Por isso é importante explorar o impacto físico, emocional e afetivo (Camacho, 2012)

As investigações em torno deste tema, foram inicialmente realizados

na metade do séc. XX em instituições e orfanatos. (Camacho, 2012)

Vários estudos demonstram o impacto negativo do acolhimento residencial no desenvolvimento das crianças (Quitãns,2009 citado por Camacho, 2012)

De acordo com os autores Groze & Illena, in Quitãns (2009), citados por Camacho (2012), referem que as instituições estudadas apresentavam deficiências a três níveis: 1) nos cuidados de higiene, nutrição e saúde; 2) na estimulação e possibilidades de ação que propiciavam e 3) nas relações interpessoais e de vinculação. (Camacho, 2012)

As instituições na primeira metade do século XX apresentavam falhas aos três níveis. Atualmente e de acordo com Camacho (2012), é o terceiro nível acima mencionado, que continua a merecer preocupação. A severidade do impacto está relacionada com os défices apresentados neste nível em particular. (Quitãns,2009 citado por Camacho, 2012)

De acordo com alguns autores, como Johnson e colaboradores (1992) e Fisher e colaboradores (1997) citados em Quitãns (2009) e citados agora por Camacho (2012), aperceberam-se de que apenas 15% das crianças institucionalizadas eram fisicamente saudáveis. Outros autores referem que as crianças em instituições estão abaixo do esperado ao nível do peso e altura. De acordo Johnson et al. (1992) e mais tarde Quitãns (2009) estes fatores devem-se à falta de condições médicas, uma alimentação desadequada e a privação psicossocial. (Camacho, 2012)

Ao nível do desenvolvimento psicossocial as crianças de instituições teriam muitas vezes passado por situações complicadas sendo que existia ainda uma perda quanto à figura de vinculação. Agravando ainda esta situação é facto de que muitas vezes as instituições são locais de pouca estimulação ao nível emocional e social. (Vorría et al, 2006 citado por Camacho, 2012)

Foram identificadas por Goldfard (1943) outras fragilidades como:

Défices ao nível da organização mental para a ação; dificuldades na planificação da conduta; falta de competência na análise; falha na capacidade de saber esperar, e projetar o seu futuro, os sonhos e os longos caminhos para os concretizar; dificuldade de reflexão ou antecipação dos resultados das ações; e falhas ao nível da linguagem e processamento da informação (Goldfard, 1943, citado por

Camacho, 2012, p.54)

No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo e linguístico e citando algumas pesquisas realizada Barbara Tizard et al., (1977); Hodges & Tizard, (1989); Tizard & Joseph, (1970); Tizard & Rees (1974), concluíram que os coeficientes intelectuais das crianças institucionalizadas eram ligeiramente inferiores bem como havia a existência de um ligeiro atraso na linguagem. (Quitãns, 2009 citado por Camacho, 2012)

Existe ainda um momento na vida destas crianças de extrema importância que as torna mais frágeis, este momento é o da separação em que a criança é confrontada com a falha parental e a confirmação do abandono. (Strecht 1997 citado por Alvarez, Baptista e Carvalho, 2014)

Quando a criança é separada do seu meio social e lhe é aplicada a medida de acolhimento residencial, como é agora mencionada com a alteração da LPCJP de 8 de Setembro de 2015, dá-se um corte radical com toda a rede de relações, dando espaço para o sentimento de abandono em relação à família juntamente com as atribuições depreciativas e de auto desvalorização que a própria separação acarreta. (Alberto, 2004, citado por Camacho, 2012)

A criança nesta situação, perde um elemento de apoio importante e significativo, mas mais que isso a perda de uma relação. (Ansermet, 1999 citado por Alvarez, Baptista e Carvalho, 2014)

A angustia criada na criança pela separação dos pais, evoca um sentimento demasiado avassalador que por si só ativa os mecanismos de defesa ineficazes. (Berger, 1998 citado por Alvarez, Baptista e Carvalho, 2014)

Muitos jovens e crianças nesta situação, ignoram muitas vezes o sofrimento a que foram submetidos pelos pais e têm um desejo de voltar para eles. Não se ligam a mais ninguém, pois "...gostar de um implica tornar o outro mau." (Alvarez, Baptista e Carvalho, 2014 p.54)

A criança acaba por escolher um adulto dentro da instituição, afetivamente significativo, que poderá ajudar na reparação, se for disponível de maneira contínua, para partilhar o seu sofrimento e para ouvir o que ela pensa ou sente. (Strecht, 1997 citado por Alvarez, Baptista e Carvalho, 2014)

As crianças organizam se assim de duas formas. (Pele, 1997 citado por Camacho, 2012). A criança por um lado estabelece relações

indiferenciadas, sem grande significado, com todos. Por outro lado denotasse uma procura constante e incessante afetiva para com todos os adultos, sem realmente haver qualquer benefício para elas. (Alvarez, Baptista e Carvalho, 2014)

É com base nesta ténue situação que a internet por vezes serve de fuga e forma de consolo para muitas destas crianças e jovens. A questão prende-se porque afinal quem estará no outro lado? Quais são as suas intenções? Quem as protege dos comentários cruéis?

3.3 Amy e a Internet

Amy, que embora não seja uma criança em acolhimento residencial, foi retirada à família de sangue vítima das mesmas circunstâncias que outras crianças na sua situação e encontrava-se numa família de acolhimento.

Amy, uma menina de 12 anos que estaria com uma família de acolhimento há cerca de três meses quando foi vítima de cyberbullying. Amy, vítima de negligência por parte dos pais por nascimento, foi colocada numa família de acolhimento, numa cidade perto, e entrou numa nova escola. No início, a Amy deu-se bem com todos os seus colegas de escola, travando ainda algumas amizades na sua nova escola, mas pouco tempo depois foi descoberto que a Amy era uma criança acolhida, e isto fez dela alvo de bullying por alguns colegas de escolas

As amigas que tinha feito, deixaram de ser amigas da Amy. Não acompanhavam na escola e ignoravam-na quando ela tentava falar com elas e chamavam-na “aquela rapariga acolhida” levando um “chuto” na sua já fraca saúde mental. Abatida, a Amy voltou-se para a internet como forma de escape. Foi então que com grande alívio recebeu um convite, via correio electrónico, para uma festa de anos por parte de um amigo, que se iria realizar numa pista de bowling. Entrando em correspondência com o seu colega e achando sempre que o convite era sincero, a Amy convenceu os seus países de acolhimento a deixarem-na ir. Sexta-feira à noite o pai e Amy dirigiram-se ao local da festa, quando lá chegaram o pai dirigiu-se ao gerente e questionou-o acerca da festa, foi então que descobriu que a Amy tinha sido vítima de um engano cruel. Depois deste

incidente a autoestima da criança baixou, afundando-se profundamente. (Degarmo, 2014, p.85)

É com base nestas histórias que decidi que seria importante perceber se o mesmo acontece com as crianças portuguesas que se encontram em acolhimento residencial, sem o apoio de qualquer tipo de meio familiar.

II-Objetivos

Hoje em dia é quase inconcebível que alguém não tenha um perfil numa rede social, sendo praticamente uma ferramenta no mundo de trabalho. No entanto nem todos os utilizadores têm consciência de como usar as redes sociais de forma adequada.

No caso dos mais jovens, a rede social é como uma competição de popularidade, onde muitas vezes se expõem e caem nas mãos virtuais de agressores que utilizam a arma mais poderosa ao seu lado, o teclado de um computador.

Estes agressores muitas vezes escolhem grupos minoritários de quem se divertem a minar e torturar. Deste grupo fazem muitas vezes crianças e jovens com grandes fragilidades que tentam procurar um amigo num mundo virtual que acaba por ser o seu maior pesadelo. Outras vezes são apenas apanhados em enredos de ódio porque apenas são diferentes. É o caso das crianças e jovens institucionalizados.

O objetivo do presente trabalho é entender a perspetiva das adolescentes que são vítimas e agressoras do mundo digital, enquanto institucionalizadas. Atendendo ao facto da frágil circunstância em que muitas delas se encontram.

Da mesma forma pretendo saber como é que as suas situações foram resolvidas e dos medos e aprendizagens que possam ter fluído das situações que passaram.

III- Metodologia

4.1 Participantes

A amostra é constituída por 7 participantes com idades entre os 12 e os 16 anos, do género feminino, institucionalizadas. Sendo que 2 foram selecionadas para entrevista a partir dos seus resultados.

4.2 Instrumentos

Para avaliar que tipo de situações as crianças/jovens teriam sido envolvidas quer como agressoras, quer como vítimas, foi aplicada a escala CYB-AGRES- Escala de agressão através do telemóvel ou Internet, a escala CYBVIC – Escala de violência sofrida através do telemóvel e Internet (). Para averiguar os níveis de ansiedade, que pudessem estar relacionados com uma eventual situação de cyberbullying, foi aplicada a BAI. Por fim foi aplicada a BDI-II para perceber se existia alguma sintomatologia depressiva.

Para a entrevista construí as perguntas através da Análise Fenomenológica Interpretativa.

4.3 Procedimentos

Inicialmente dirigi-me à instituição para pedir autorização para a aplicação das escalas a qual obtive prontamente, visto já ser conhecida da instituição, e de algumas jovens que ali habitam. As escalas foram passadas às oito participantes numa sala em conjunto. Foram explicados os conceitos de confidencialidade e ainda dito que entre duas a três seriam selecionadas para entrevista posterior.

É de mencionar ainda que no dia em que as escalas foram aplicadas, um dos itens da escala BDI-II, nomeadamente o item 21, foi alterada de “Perda de interesse por sexo” para “ Perda de interesse por algo que me dá prazer”, pois tratava-se de uma instituição religiosa e não querendo levantar qualquer tipo de problemas nem ferir qualquer suscetibilidade, achei por bem fazê-lo.

A entrevista foi feita individualmente a duas das participantes e durou cerca de 15 a 20 minutos onde foram novamente asseguradas as questões relacionadas com a confidencialidade

As participantes foram selecionadas de acordo com os resultados obtidas

IV-Resultados

No intuito de avaliar a existência de comportamentos agressivos, foi aplicada a escala CYB-AGRES- Escala de agressão através do telemóvel ou Internet.

Tabela 1. Resultados da escala CYB- AGRES

N	Pontuação
4	2
2	3
1	6

A pontuação máxima possível seria de 30, e a mínima possível é de 0. É seguro dizer que os presentes resultados demonstram um baixo nível de agressão online.

Esta pontuação pode ser derivada ao uso restrito do computador e do telemóvel. Esta pontuação é também reconfortante pois revela alguma consciência dos riscos e de alguma responsabilidade na utilização das redes sociais.

Tabela 2. Resultados da escala CYBVIC

N	Pontuação
4	0-2
1	3-5
2	6-8

Tal como na escala de cima, a pontuação máxima é 30 e a mínima é 0.

Novamente os resultados não apresentam números preocupantes de vitimização, revelam apenas algumas situações esporádicas.

Estas situações esporádicas podem dizer respeito à atividade normal da utilização da Internet e do telefone, pequenos descatos que ocorrem e/ou comentários que vão surgindo ou ainda situações com apenas uma ocorrência.

A Leonor, um caso que irá ser apresentado mais á frente no presente trabalho, foi uma das participantes que teve uma das pontuações mais elevadas, com 6 pontos.

O caso que levou a esta pontuação foi explorado durante a fase de entrevista, no entanto não houve reincidência do mesmo ato e a duração foi por um tempo limitado.

Tabela 3. Resultados da escala de BDI-II

N	Pontuação
2	0-10
3	11-21

1	22-32
1	33-43

Os resultados da BDI-II são ao contrário dos anteriores, mais preocupantes. Duas das jovens encontram-se com níveis elevados de depressão. Uma num nível severo de depressão, e outra no nível de extrema depressão, de acordo com a nomenclatura utilizada pelas instruções de scoring.

Estes resultados aparentam refletir a própria história de cada uma das jovens. Jovens afastadas das próprias famílias por razões de proteção.

Tal como revisto nos conteúdos acima o impacto gerado nestas adolescentes é extremamente negativo, obrigando muitas vezes a que tenham de enfrentar e aceitar conscientemente que os seus pais falharam em algum aspeto.

Aliado a este sentimento, está ainda a separação a que são forçadas a enfrentar, tentando adaptar-se às novas circunstâncias que lhes são apresentadas.

É importante referir que a escala foi aplicada após as férias da Páscoa, o que de alguma forma implica que o sentimento de abandono, no caso da jovem quer tenha ido a casa de férias quer tenha ficado na instituição, esteja ainda mais presente.

A jovem Leonor, cujo caso será analisado, teve a pontuação mais alta das 7 participantes, uma pontuação de 38.

Embora não seja um termo científico, esta pontuação é acima de tudo justificada pela palavra “saudade”. Durante a entrevista manifestou que sentia saudades dos pais, contou episódios em que chorava compulsivamente, sendo muitas vezes preciso a ajuda da irmã responsável, pois trata-se de uma Instituição religiosa, para a acalmar.

Tabela 4. Resultados BAI

N	Pontuação
5	23-33
1	34-44
1	45-55

Tal como no caso da escala BDI-II a escala BAI também tem resultados alarmantes.

A pontuação mais alta que obtive foi de 54, no entanto a jovem que a pontuou já não se encontrava na Instituição, e portanto a segunda entrevistada, foi também a que apresentava a segunda pontuação mais alta na escala BAI, com 43. Esta pontuação, de acordo com a nomenclatura utilizada pela instrução da pontuação da escala BAI, coloca a jovem em “depressão severa”.

As mesmas justificações apresentadas no que dizia respeito à escala BDI-II podem ser aplicadas aos resultados apresentados pela BAI.

No que concerne a Maria a participante, cujo caso será posteriormente analisado, a própria revelou ser extremamente ansiosa no que diz respeito à escola. Demonstrando ainda alguma preocupação em questões de avaliação, sendo que já tinha pensado no seu futuro profissional.

5. Estudo de Caso

5.1 Maria “além-fronteiras”

A Maria uma menina de 15 anos encontra-se em acolhimento residencial. Frequentava o 9º ano, numa escola local, para o 10º ano o curso escolhido foi o de humanidades. Descreve-se como “*tímida, divertida, simpática, vingativa e às vezes maldosa*”. É bastante ansiosa no que diz respeito ao meio escolar, principalmente na vertente dos testes. É importante de salientar que esta entrevista tomou lugar numa semana de exames.

No dia da entrevista aparentava estar bastante nervosa, embora que quando questionada, negasse.

A história de Maria com o mundo virtual tem algumas nuances. Tal como a literatura o prevê um ciber-agressor, pode ser também uma cyber-vítima (Amado & Matos, 2015) e este caso não foi diferente.

Segundo a Maria esta história começou quando ela e uma amiga decidiram entrar no facebook de uma terceira pessoa

“Ela tinha feito umas coisas e nós tínhamos de ir confirmar, mas depois excede-mo-nos...” (Maria, 15 anos).

Esta posição confirma assim a vingança como um dos motivos apontados para o cyberbullying, algo já previsto por Hinduja e Patchin (2009).

A Maria juntamente com a amiga mandava mensagens através da

rede social para os amigos de uma terceira colega a insinuar algo. Integrando este comportamento na categoria da Dissimulação, ou seja fingir que se é uma outra pessoa, depois de lhe usurpar dados pessoais como palavras-chave, e enviar ou publicar material com o objetivo de lhe arranjar problemas. (Amado & Matos, 2015)

É importante dizer que a Maria estava visivelmente nervosa e que quando questionei acerca dos conteúdos das mensagens enviadas, não quis dizer, apenas deu indicação de que não se tratavam de mensagens agressivas mas que eram de outro cariz, não especificando qual.

Embora a literatura sugira que o agressor não é totalmente consciente dos seus atos por se perder nas linhas do anonimato e o facto de não haver um contacto direto, neste sentido muitas são incapazes de tecer qualquer sentimento de empatia para com as vítimas (Amado & Matos, 2015). O que neste caso apenas se confirmou parcialmente, visto que enquanto a Maria e a amiga tinham este tipo de comportamentos, a Maria confessa que não se sentia mal, mas que após o ato, esta afirmou que sim e que tanto ela como amiga se sentiam arrependidas pelo que tinham feito. Uma razão para este sentimento de arrependimento pode ter sido devido à virada da própria história.

Na segunda parte da história o “feitiço vira-se contra o feiticeiro”. A colega a quem a Maria e a amiga, utilizaram o facebook para mandar mensagens insinuatoras aos amigos, descobriu o que se passara, e foi então que prosseguiu em atormentar a Maria e a amiga com ameaças

“...ela só nos ameaçava e dizia que nos vinha dar porrada e também meteu os nossos nomes no facebook e tínhamos todos os amigos dela contra nós.” (Maria, 15 anos).

Confirmando assim o que foi dito no início, a Maria passou de cyber-agressora para cyber-vítima.

Segundo a Maria os seus agressores, que incluíam os amigos da colega a quem tinham entrado no facebook, chamavam-lhe nomes, o que os inclui na categoria do insulto ou seja a utilização da Internet para cometer ataques verbais diretos ou por via de imagens, para fazer ameaças de danos. (Amado & Matos, 2015)

Decidi então perguntar se enquanto vítima sentiu algo, no entanto ela negou e perguntei-lhe se existia alguma razão para não sentir nenhum

tipo de receio, ao que a Maria revelou um pormenor interessante e característico do mundo virtual que é a transcendência do espaço físico (Amado & Matos, 2015). A agora agressora estava fora do país tal como os seus amigos e por isso mais uma vez, não houve a possibilidade sentir uma ameaça real. Embora que quando questionada se caso a agressora estivesse no país como se sentiria, a Maria prontamente respondeu que muito provavelmente se sentiria ansiosa.

Uma vertente interessante na história da Maria é que a questão de acolhimento nada teve a ver com o seu comportamento online nem com o facto de ter sido vítima. Na realidade a Maria sempre demonstrou uma grande autorresponsabilização no que tocou a todo o desenvolvimento da situação o que de alguma forma contraria o que fora inicialmente preconizado por Goldfard (1943) no que respeita aos défices encontrados em crianças acolhidas (Quitãns, 2009 citado por Camacho, 2012). Ainda neste sentido quando questioneei a Maria se sentia de alguma forma penalizada, ou tratada de forma diferente por estar em acolhimento residencial a resposta foi não, o que contraria a estigmatização falada por algumas autoras Camacho, 2012; Alvarez, Baptista, Carvalho, 2014.

Apesar da situação, que passou e de tudo o que aconteceu a Maria mencionou que a deveria haver uma pequena multa para os cyber-agressores, de alguma forma demonstrando alguma consciencialização do ato.

Em tom de curiosidade perguntei acerca do seu futuro e do que queria fazer, estava decidida a seguir Psicologia na área da psicologia forense, novamente contrariando os achados de Goldfard (1943) (Quitãns, 2009 citado por Camacho, 2012)

5.2 Leonor “a ansiosa”

A Leonor é uma menina de 13 anos bastante ansiosa dando luz ao dito por Patchin & Hinduja (2010) a baixa autoestima e um elevado nível de ansiedade são características encontradas nas vítimas de cyberbullying. A Leonor descreve-se como sendo “*alegre, mais ou menos simpática, fico chateada quando me chateiam o juízo como a minha irmã, fico amuada quando me avisam e sou respondona*”. Está na Instituição há quase 2 anos, tem ainda uma irmã na mesma casa.

A Leonor foi uma das mais novas participantes. Logo no início foi

muito fácil de perceber que a Leonor estava ansiosa com respostas rápidas e inclusive um pouco atrapalhada nas palavras.

A história da Leonor, não é como a da Maria, trata-se de uma menina extremamente sensível.

Quando lhe perguntei se teria sofrido alguma situação desagradável pela Internet e/ou telemóvel respondeu prontamente que não, ainda quando lhe perguntei se alguma vez teria sido indelicada pelos mesmos meios com alguém disse novamente que não. Percebi então que a Leonor estava desconfortável e parei um pouco e mostrei-lhe uma resposta dada por ela na escala CYBVIC- Escala de Violência sofrida através do telemóvel e Internet, sendo que a Leonor respondeu com “muitas vezes” ao item “Já fui forçado a fazer coisas que não gostaria por causa de ameaças (dar dinheiro a alguém, fazer o trabalho de outros)”. Questionei-a se poderia falar um pouco da situação e ela nervosamente respondeu que “não”.

Percebi então que se tratava de uma lembrança extremamente dolorosa e tentei contornar a questão, pedindo-lhe que falasse então daquilo que teria sentido na altura em que foi vítima.

“Fiquei nervosa, muito triste por me terem feito aquilo.” (Leonor, 13 anos)

Confirmou então o preconizado por Mc Guckin et al (2012) citado por Amado & Matos (2014) que menciona que nas vítimas surgem sentimentos de frustração, raiva, tristeza, desesperança e solidão.

A Leonor não conhecia os seus agressores e não houve qualquer partilha de imagens, mas foi através do facebook que estes a ameaçaram, colocando-os na categoria da Ciberperseguição, ou seja assédio repetido e muito violento, que inclui ameaças, pelo que o seu impacto na vítima pode causar medos de grande intensidade. (Amado & Matos)

Na altura não falou com ninguém e embora não acontecesse todos os dias era um medo permanente.

A história prosseguiu, embora a Leonor não desse muitos detalhes acerca de todos os acontecimentos, foi dando algumas pistas.

Segundo a Leonor o tormento durou cerca de uma semana, até que a irmã responsável pela casa, notesse que a casa de acolhimento residencial pertence a uma instituição religiosa, reparou na alteração de comportamentos que Leonor tinha sofrido. Andava mais nervosa, mais ansiosa e nas palavras

da Leonor mais “responzona”. Tal como dito por Vandebosh e Van Cleemput (2009) as vítimas reproduzem mais comportamentos depressivos e hostis.

A irmã confrontou Leonor e foi então que esta teve a coragem de revelar pelo que estava a passar e a irmã responsável prontamente interviu. Conversou com a Psicóloga responsável da casa e decidiram recorrer às autoridades policiais para tomarem conta do caso.

A partir deste ponto a Leonor diz não saber o que terá acontecido, mas o que é certo, é que deixou de receber mais ameaças. Mencionou ainda que durante este tempo, os pais também a ajudaram a certa altura. A Leonor deu-lhes a passe do facebook e algumas vezes os agressores a pensar que estariam a falar com Leonor e estavam a falar com os pais de Leonor.

Embora o tormento tenha terminado a Leonor diz que isto tudo terá acontecido por estar numa casa de acolhimento residencial e que não acontecia se não estivesse. Levantando aqui a questão da estigmatização mencionada por Alvarez, Baptista e Carvalho (2014) embora que Leonor apenas o refira no que diz respeito a este incidente, pois não se sente tratada de forma diferente pelos seus colegas de escola, nem no seu dia-a-dia.

A Leonor ainda revelou ser uma adolescente responsável no que diz respeito à utilização das redes sociais, tomando como amigos apenas as pessoas que conheceu na vida real e familiares, o mesmo reverte em questões de partilha de fotografias, que apenas o faz com familiares contrariando a normalidade achada por Ponte & Simões, 2015 em que as raparigas atingem os 88% no que concerne a exposição de imagem.

Fora do mundo virtual a Leonor apresenta uma característica comum às vítimas, assinalada por Del Barrio (2013) citado em Amado & Matos (2015) em que os jovens menos populares e com problemas afetivos são mais frequentemente. Vítimas

É uma jovem carente e que tem bastantes saudades dos pais e que em casa revela que por vezes chora necessitando do apoio da irmã responsável. Em tom de brincadeira disse ainda que tudo se resolvia com um chocolate.

V- Discussão

As redes sociais são uma das grandes atividades praticadas pelos

jovens online, neste espaço virtual é um facto de que nem todos se prezam pela privacidade, expondo os seus nomes, nomes de escola e fotografias identificativas. É certo que a internet e o mundo virtual são ferramentas praticamente indispensáveis na atualidade, no entanto este mundo também apresenta riscos, principalmente para os membros da comunidade que se expõem continuamente sem consciência das pessoas que estão do outro lado do ecrã. Os mais novos a este nível parecem mais vulneráveis, identificando o género feminino como o mais vulnerável em relação aos rapazes. Por outro lado os mais velhos parecem estar cada vez mais engajados nas práticas do cyberbullying e da cibervitimização, talvez até porque a exposição também aumenta exponencialmente com a idade.

Parte dos riscos online faz o cyberbullying que pode ser expressado através de várias categorias como insultar, excluir, discussão acesa, revelar segredos/chantagear, difamar/denegrir, ciber-perseguição, dissimular/ usurpar a identidade, aliciar ou fingir-se amigo e mensagens de cariz sexual. O cyberbullying tem ainda características próprias que o torna letal e difícil de contornar, essas características são o anonimato o espaço físico e a fácil propagação nas redes sociais e outras áreas no mundo virtual. Estas características tornam a vida de muitos adolescentes bastante difíceis, acabando em histórias trágicas como a de Megan.

A Megan embora tivesse um historial de baixa-autoestima e depressão, tinha uma casa e uma família. No entanto não é o caso de todos os jovens. Os jovens que estão colocados em instituições de acolhimento sofrem outro tipo de adversidades que em conjunto com uma possível vitimização online, poderá ser uma receita letal.

Os jovens em instituições de acolhimento enfrentam um contexto novo, em que são forçados a abandonar a sua casa e deixar para trás os seus pais. Isto deve-se muitas vezes ao perigo a que os próprios pais colocam o adolescente /criança ou pela excessiva liberdade dada pelos pais, levando a que as próprias crianças/jovens se exponham aos perigos. De uma forma ou outra esta situação é terminada quando a criança/jovem é separada dos pais, neste momento enfrenta a realidade de uma outra perspectiva, aceitar que os seus pais falharam. Não é uma aceitação fácil e pode levar a que a criança/jovem se organiza afetivamente de duas formas, por um lado tenta ligar-se com todas as pessoas indiferentemente, sem grande profundidade e

por outro buscam incessantemente afetividade por parte de um adulto.

Há autores ainda que identificam alguns défices no desenvolvimento dos adolescentes em instituições de acolhimento, no entanto foi algo que não foi encontrado nas jovens entrevistadas contrariando assim esta informação.

Um outro conceito que gira em torno destes adolescentes acolhidos é o da estigmatização. Facto é de que durante muito tempo se ouviram certos comportamentos serem atribuídos a adolescentes acolhidos, no entanto pelas entrevistas feita, esta versão foi posta de lado, embora no caso da Leonor ela identifica-se que o facto de ter sido vítima online se se devesse a estar em acolhimento residencial, também mencionou que fora deste incidente nunca foi tratada de forma diferente nem discriminada por tal razão.

A Maria tem 15 anos e foi agressora e vítima online, começou por se vingar de alguém e esse alguém ripostou, durante a entrevista foi possível rever as características letais do cyberbullying assim como comprovar o que foi dito pelos autores do capítulo dedicado ao cyberbullying. A única diferença foi de que realmente quando foi vítima não sentiu qualquer tipo de ameaça pela sua agressora se encontrar longe.

Por outro lado a entrevista a Maria não revelou qualquer tipo de défice quanto ao seu desenvolvimento tal como descrito por Goldfard (1943) citado por Quitães (2009) e Camacho (2012). Pelo contrário Maria sempre se demonstrou preocupada com o seu futuro, sabendo inclusive o que quer no seu futuro profissional.

A Leonor, uma menina de 13 anos, extremamente sensível, foi vítima online, uma memória dolorosa que não a deixou falar sendo que foi necessário contornar todas as questões diretas que abordassem este assunto. Tal como no caso da Maria a Leonor apresentou as características tipo deste tipo de agressão.

Também a Leonor não apresentou qualquer défice de desenvolvimento. Estando no ano escolar adequado à sua idade (passou para o 7º ano).

É necessário fazer um novo estudo acerca das capacidades e défices dos jovens em acolhimento residencial, pois embora se tratarem de apenas duas entrevistas, é bastante visível que os défices de desenvolvimento inicialmente preconizados por Goldfard (1943) (citado por Camacho (2012) parecem no caso destas duas jovens não serem aplicados de maneira alguma.

No entanto é necessário focarmo-nos em questões mais afetivas, um défice que analisando os resultados, aparentemente se mantêm desde o início dos estudos sobre a medida de acolhimento residencial.

Estas entrevistas também permitiram perceber que os adolescentes em instituições de acolhimento não se apresentam mais vulneráveis a estas questões, sendo que os riscos são os mesmos dentro ou fora de uma casa de acolhimento. O que deve permanecer é a vigilância pelas figuras responsáveis por estes jovens, tal como tem acontecido até à data.

VI-Conclusão

O presente trabalho focou-se na análise qualitativa do caso de duas jovens acolhidas numa instituição.

Através desta análise foi possível perceber que as jovens não se sentem alvos de importunações online pela sua condição social e familiar, embora uma delas apresente um caso isolado, tratou-se apenas de uma incidência, acrescentando ainda que no seu dia-a-dia não é de maneira alguma prejudicada pelos seus pares pela sua condição.

Apesar desta conclusão, a aplicação das escalas revelou uma outra importante situação, o estado mental destas jovens que na sua maioria revelaram quadros de ansiedade e depressão a níveis bastantes altos e por conseguinte preocupantes.

A análise qualitativa das entrevistas também tornou possível desconstruir alguns conceitos, como o da estigmatização e o défice no desenvolvimento. Embora que a partir de dois casos não seja possível concluir uma generalização, é importante referir que estas duas jovens em nada se sentiram prejudicadas por se encontrarem em acolhimento residencial, assumindo qualquer responsabilidade dos seus atos em si, nunca atribuindo razões exteriores.

Nenhuma das jovens apresentou qualquer défice, nem outro tipo de dificuldade associada a esta temática. Sendo que uma delas demonstrou uma grande preocupação pelos estudos e bastante interesse em prosseguir os estudos para o ensino superior.

Embora que por um lado o cyberbullying não parece ser uma ameaça exterior com grande gravidade para estas jovens, é necessário

manter a atenção para que situações como a de Maria e Leonor, sejam resolvidas de maneira rápida e eficaz, impedindo que tomem proporções maiores e terminem numa história tal como a de Megan.

Por outro lado é necessário explorar mais profundamente as circunstâncias que podem estar a causar o aumento dos níveis de ansiedade e depressão nestas jovens, assim como uma análise da saúde mental.

Seria importante que futuramente se fizesse uma nova investigação acerca das questões do desenvolvimento em crianças institucionalizadas, para assim também entender as necessidades que estas passam ao nível da sua estimulação cognitiva e emocional. É certo que existe um vazio afetivo nestes jovens e é importante que seja preenchido de maneira correta e não com distrações perigosas, levando a que corram riscos desajustados e desnecessários quer no mundo real, mas ainda mais preocupante, no mundo virtual.

Não obstante, o estudo acerca do cyberbullying deverá ser prorrogado, embora que no presente trabalho as conclusões retiradas identifiquem este problema como sendo algo contornável e de rápida solução, nos casos apresentados. É importante referir que o próprio poderá sofrer alterações, pois acompanha lado a lado a evolução tecnológica, abrindo novas portas a abusos virtuais.

Uma vez na Internet, para sempre na Internet.

Bibliografia

Alvarez, F., Baptista, M., Carvalho, I (2014). Adolescentes em Contexto Institucional. In T. Sousa Mendes & P. Vaz Santos (orgs.), *Acolhimento de Crianças e Jovens em Perigo* (pp 49-71). Lisboa: Climepsi Editores.

Amado, J., Jäger, T., Matos, A, Pessoa, T. (2009) Cyberbullying: Um Desafio à Investigação e à Formação. *Interações*, Nº 13, 301-326.

Amado, J & Matos, A (2015) O cyberbullying entre os comportamentos de risco online. In G. L. Miranda (orgs), *Psicologia dos Comportamentos Online* (pp 81-105). Lisboa: Relógio D'Água Editores

Azevedo, C., Doretto, J., Ferreira, E., Simões, J., Ponte, C. (2014). *Net Children Go Mobile*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia; CESNOVA: Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa.

Camacho, L. (2012) *O Desenvolvimento Psicossocial de Crianças e Jovens em Risco Institucionalizadas*, Instituto Superior de Línguas e Administração, Portugal.

Degarmo, J (2014) *Cyberbullying Beyond the Playground*. In J. Degarmo, *Keeping Foster Children Safe Online* (pp 83-92). London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers

Grigg, D (2010) *Cyber-Aggression: Definition and Concept of Cyberbullying*. *Australian Journal of Guidance & Counseling*, Vol. 20, Nº2, 143-156.

Hinduja, S & Patchin, S (2009) *Bullying beyond the schoolyard : preventing and responding to cyberbullying*. Thousand Oaks, Califórnia: Corwin Press.

Holfeld, B (2014) *Perceptions and attributions of bystanders to cyber bullying*. *Computers in Human Behavior*, Nº 38, 1-7.

Monteiro, A & Osório, A (2011) *Geração Digital: Ouvindo as crianças falar de oportunidades e riscos online*. In *VII Conferência Internacional de TIC na Educação. Perspectivas de Inovação*. Universidade do Minho, Braga, Portugal, Maio 2011, (pp. 1369-1377).

Ponte, C & Simões, J (2015) *Comportamentos Online de Crianças e Jovens Portugueses*. In G. L. Miranda (orgs), *Psicologia dos Comportamentos Online* (pp 51-80). Lisboa: Relógio D'Água Editores

Van Cleemput, K. & Vanderbosch, H. (2009) *Cyberbullying among youngsters: profiles of bullies and victims* (2009). *New media & society*, Vol. 11, 1-23.

Anexos

Anexo I: Termo de consentimento

Termo de consentimento livre e esclarecido

Sou aluna do 5º ano (2º ano de Mestrado) em Psicologia, pela faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Este ano encontro-me a realizar o estágio e a tese. O meu tema de tese irá incidir no “Cyberbullying” em jovens acolhidos.

Para a realização deste estudo, inicialmente serão aplicadas duas escalas a jovens entre os 12 e os 16 anos, uma sobre a Agressividade sofrida através da internet/telemóvel (CYBVIC) e uma outra sobre a Agressividade exercida através destes meios (CYB-AGRES), concluindo com as escalas BDI II e BAI.

Após análise dos resultados, duas participantes serão selecionadas para uma entrevista pessoal.

O presente estudo não apresenta quaisquer consequências para a saúde física, emocional e psicológica dos participantes.

Todos os dados serão confidenciais e caso seja necessária a sua utilização, quaisquer dados de identificação serão alterados com exceção da idade.

A participação no estudo é voluntária, sendo que os participantes podem desistir a qualquer momento sem prejuízo algum.

Eu _____, fui informada sobre o estudo acima referido e compreendi os seus objetivos, tendo ainda tido oportunidade para esclarecer dúvidas. Este formulário está assinado voluntariamente por mim, prestando assim o meu consentimento para a participação no presente estudo

(assinatura participante)

Anexo II: Escala CYB-AGRES

CYB-AGRES – Escala de Agressão através do telemóvel ou Internet (Adaptada de Buelga, Cava & Musitu 2011; adaptada ao português pelo Instituto de Psicologia Cognitiva de Coimbra, 2015).

De seguida encontrarás algumas frases que se relacionam com os comportamentos que podes ter tido, durante o ultimo ano, em relação a algumas pessoas para as intimidar ou as perturbar, através do telemóvel ou da internet (mensagens, email, fóruns, etc).

Responde aos itens de acordo com a escala, consoante o que pensas. Caso tenha duvidas, fale com o investigador.

	Nunca	Poucas Veze	Muitas Veze	Sempre
1. Já insultei ou ridicularizei alguém por mensagens ou chamadas	a	b	c	d
2. Já forcei alguém a fazer coisas através de ameaças (dar dinheiro a alguém, fazer o trabalho de outros)	a	b	c	d
3. Já liguei a alguém ou pedir que entrasse num chat de internet, mas depois não atendi o telefone nem respondi no chat	a	b	c	d
4. Já contei mentiras ou iniciei rumores falsos online	a	b	c	d
5. Já divulguei segredos de outros online, só para os incomodar	a	b	c	d
6. Já manipulei (Photoshop) e/ou compartilhei fotos ou videos de alguém sem permissão	a	b	c	d
7. Já ameacei apenas para meter medo a alguém	a	b	c	d
8. Já disse, enviei ou fiz passar alguém por situações negativas apenas para os incomodar	a	b	c	d
9. Já invadi uma conta do “Facebook” ou outras contas privadas sem que a pessoa a quem o fiz pudesse fazer algo	a	b	c	d
10. Já me fiz passar por outra pessoa para dizer coisas más pelo telemóvel ou pela internet	a	b	c	d

Anexo III: Escala CYBVIC

CYBVIC – Escala de violência sofrida através do telemóvel e Internet (Adaptada de Buelga, Cava & Musitu 2011; adaptada ao português pelo Instituto de Psicologia Cognitiva de Coimbra, 2015).

De seguida encontrarás algumas frases que se referem a comportamentos que alguns jovens podem ter tido, durante o último ano, para te intimidar ou mentir, através do uso do telemóvel ou da internet (mensagens, email, fóruns, etc).

Responde aos itens de acordo com a escala, consoante o que pensas. Caso tenha dúvidas, fale com o investigador.

	Nunca	Poucas Vezez	Muitas Vezez	Sempre
1. Já fui insultado/a ou ridicularizado/a com mensagens ou chamadas	a	b	c	d
2. Já fui forçado a fazer coisas que não gostaria por causa de ameaças (dar dinheiro a alguém, fazer o trabalho de outros)	a	b	c	d
3. Já me ligaram ou pediram que entrasse num chat de internet, mas depois não atenderam o telefone nem me responderam no chat	a	b	c	d
4. Já contarem mentiras ou iniciaram rumores falsos sobre mim online	a	b	c	d
5. Já divulgaram segredos meus a outros, online	a	b	c	d
6. Já manipularam (Photoshop) fotos ou vídeos meus e/ou da minha família sem a minha permissão	a	b	c	d
7. Já fui ameaçado/a apenas para me meterem medo	a	b	c	d
8. Já me disseram, enviaram ou fizeram passar por situações negativas apenas para me incomodar	a	b	c	d
9. Já invadiram a minha conta do "Facebook" ou outras contas privadas sem que eu pudesse fazer algo	a	b	c	d
10. Já se fizeram passar por mim para dizer coisas más pelo telemóvel ou pela internet	a	b	c	d

Anexo IV: BAI

Abaixo está uma lista de sintomas de ansiedade comuns. Por favor, lê cuidadosamente cada item da lista. Identifica o quanto tens sido incomodado/a por cada sintoma durante a última semana, incluindo hoje, colocando uma cruz (x) no espaço correspondente, na mesma linha de cada sintoma.

	Absolutamente nada	Levemente. Não me incomodou muito	Moderadament e Foi muito desagradável, mas pude suportar	Gravemente. Difícilmente pude suportar
1 Dormência ou formigueiro				
2 Sensação de calor				
3 Tremores nas pernas				
4 Incapaz de relaxar				
5 Medo que aconteça o pior				
6 Atordoado/a ou Tonto/a				
7 Palpitação ou aceleração do coração				
8 Sem equilíbrio				
9 Aterrorizado/a				
10 Nervoso/a				
11 Sensação de sufocação				
12 Tremores nas mãos				
13 Trémulo/a				
14 Medo de perder controlo				
15 Dificuldade de respirar				
16 Medo de morrer				
17 Assustado/a				
18 Indigestão ou desconforto no abdômen				
19 Sensação de desmaio				
20 Rubor facial (i. e., corado)				

21 Suor (não devido ao calor)				
-------------------------------	--	--	--	--

Anexo V: BDI-II

Este questionário consiste em 21 grupos de afirmações. Por favor, leia cada uma delas cuidadosamente. Depois, escolha uma frase de cada grupo, a que melhor descreva o modo como você tem se sentido nas duas últimas semanas, incluindo o dia de hoje. Faça um círculo em volta do número (0,1,2 ou 3), correspondente à afirmação escolhida em cada grupo. Se mais de uma afirmação em um grupo lhe parecer igualmente apropriada, escolha a de número mais alto neste grupo. Verifique se não marcou mais de uma afirmação por grupo, incluindo o item 16 (Alterações no padrão de sono) e o item 18 (Alterações de apetite).

1. Tristeza

- 0 Não me sinto triste
- 1 Estou me sentindo triste grande parte do tempo
- 2 Estou triste o tempo todo
- 3 Estou tão triste ou tão infeliz que não consigo suportar

2. Pessimismo

- 0 Não estou desanimado/a a respeito do meu futuro
- 1 Eu me sinto mais desanimado/a a respeito do meu futuro do que do costume
- 2 Não espero que as coisas deem certo para mim
- 3 Sinto que não há esperança quanto ao meu futuro. Acho que só vai piorar.

3. Fracasso passado

- 0 Não me sinto um/a fracassado/a
- 1 Tenho fracassado mais do que deveria
- 2 Quando penso no passado vejo muitos fracassos
- 3 Sinto que como pessoa sou um fracasso total

4. Perda de prazer

- 0 Continuo sentindo o mesmo prazer que sentia com as coisas de que eu gosto
- 1 Não sinto tanto prazer com as coisas como costumava sentir

2 Tenho muito pouco prazer nas coisas que eu costumava gostar

3 Não tenho mais nenhum prazer nas coisas que eu costumava gostar.

5. Sentimento de culpa

0 Não me sinto particularmente culpado(a)

1 Eu me sinto culpado(a) a respeito de várias coisas que fiz e/ou que deveria ter feito

2 Eu me sinto culpado(a) a maior parte do tempo

3 Eu me sinto culpado(a) o tempo todo

6. Sentimento de punição

0 Não sinto que estou sendo punido/a

1 Sinto que posso ser punido(a)

2 Eu acho que serei punido(a)

3 Sinto que estou sendo punido(a)

7. Autoestima

0 Eu me sinto como sempre me senti em relação a mim mesmo(a)

1 Perdi a confiança em mim mesmo(a)

2 Estou desapontado(a) comigo mesmo(a)

3 Não gosto de mim

8. Autocrítica

0 Não me critico nem me culpo mais do que o habitual

1 Estou sendo mais crítico(a) comigo mesmo(a) do que costumava ser

2 Eu me critico por todos os meus erros

3 Eu me culpo por tudo de ruim que acontece

9. Pensamentos ou desejos suicidas

0 Não tenho nenhum pensamento de me matar

1 Tenho pensamentos de me matar, mas não levaria isso adiante

2 Gostaria de me matar

3 Eu me mataria se tivesse oportunidade

10. Choro

0 Não choro mais do que chorava antes

1 Choro mais agora do que costumava chorar

2 Choro por qualquer coisinha

3 Sinto vontade de chorar, mas não consigo

11. Agitação

0 Não me sinto mais inquieto(a) ou agitado(a) do que me sentia antes

1 Eu me sinto mais inquieto(a) ou agitado(a) do que e sentia antes

2 Eu me sinto tão inquieto(a) ou agitado(a) que é difícil ficar parado

3 Estou tão inquieto/a ou agitado(a) que tenho que estar sempre me mexendo ou fazendo alguma coisa

12. Perda de Interesse

0 Não perdi o interesse por outras pessoas ou por minhas atividades

1 Estou menos interessado pelas outras pessoas ou coisas do que costumava estar

2 Perdi quase todo o interesse por outras pessoas ou coisas

3 É difícil me interessar por alguma coisa.

13. Indecisão

0 Não me sinto um/a fracassado/a

1 Tenho fracassado mais do que deveria

2 Quando penso no passado vejo muitos fracassos

3 Sinto que como pessoa sou um fracasso total

14. Desvalorização

0 Não me sinto sem valor

1 Não me considero hoje tão útil ou não me valorizo como antes

2 Eu me sinto com menos valor quando me comparo com outras pessoas

3 Eu me sinto completamente sem valor

15. Falta de Energia

0 Tenho tanta energia hoje como sempre tive

1 Tenho menos energia do que costumava ter

2 Não tenho energia suficiente para fazer muita coisa

3 Não tenho energia suficiente para anda

16. Alteração no padrão de sono

0 Não percebi nenhuma mudança no meu sono

- 1a Durmo um pouco mais do que o habitual
- 1b Durmo um pouco menos do que o habitual
- 2a Durmo muito mais do que o habitual
- 2b Durmo muito menos do que o habitual
- 3a Durmo a maior parte do dia
- 3b Acordo 1 ou 2 horas mais cedo e não consigo voltar a dormir.

17. Irritabilidade

- 0 Não estou mais irritado(a) do que o habitual
- 1 Estou mais irritado(a) do que o habitual
- 2 Estou muito mais irritado(a) do que o habitual
- 3 Fico irritado(a) o tempo todo

18. Alterações de apetite

- 0 Não percebi nenhuma mudança no meu apetite
- 1a Meu apetite está um pouco menor do que o habitual
- 1b Meu apetite está um pouco maior do que o habitual
- 2a Meu apetite está muito menor do que antes
- 2b Meu apetite está muito maior do que antes
- 3a Não tenho nenhum apetite
- 3b Quero comer o tempo todo

19. Dificuldade de concentração

- 0 Posso me concentrar tão bem quanto antes
- 1 Não posso me concentrar tão bem como habitualmente
- 2 É muito difícil para mim manter a concentração em alguma coisa por muito tempo
- 3 Eu acho que não me consigo concentrar em nada

20. Cansaço ou fadiga

- 0 Não estou mais cansado(a) ou fadigado(a) do que habitual
- 1 Fico cansado(a) ou fatigado(a) mais facilmente do que o habitual
- 2 Eu me sinto muito cansado(a) ou fatigado(a)
- 3 Eu me sinto muito cansado(a) ou fatigado(a) para fazer a maioria das coisas que costumava fazer.

21. Perda de interesse por algo que me dá prazer

- 0 Não notei qualquer mudança recente no meu interesse
- 1 Estou menos interessado(a) do que costumava estar

2 Estou muito menos interessado(a) agora

3 Perdi completamente o interesse

Anexo VI: Entrevistas

Maria de 15 anos

M: Maria

E: Entrevistadora

E: O meu nome é Flávia, já sabes que sou catequista de algumas das tuas colegas. E tu és a?

M: Maria.

E: Estás um bocadinho nervosa Maria?

M: Não

E: São perguntas muito simples não é nada de complicado. Lembras-te do inquérito que fizeste aqui há uns tempos atrás?

M: Mais ou menos

E: Lembras-te mais ou menos do que se tratava?

M: Era qualquer coisa sobre nós, uma coisa assim

E: Era sobre Cyberbullying

M: Sim era isso

E: Então nós vamos falar um bocadinho sobre isso contigo

E: Já alguma vez tiveste alguma experiência com o cyberbullying?

M: Sim, já

E: Eras quem no meio disso?

M: Era a que fez

E: Eras a agressora, eu sei que é um nome um bocadinho assustador, mas não quero que aches que te estou a meter em xeque, nem dizer que és má ou que és boa. Mas conta-me mais, o que é que aconteceu?

M: Eu mais uma amiga minha, entramos num facebook de uma rapariga e depois tivemos a mandar mensagem para outras pessoas.

E: E essa rapariga como é que reagiu?

M: Mal

E: E tu como é que te sentiste ?

M: Sei lá

E: Estavas bem, não estavas bem?

M: Bem, estava bem

E: Houve alguma coisa que fez com que tivesses essa atitude?

M: Sim foi

E: O que é que aconteceu?

M: Ela tinha feito umas coisas e nós tínhamos de ir confirmar, mas depois excede-mo-nos

E: Excederam-se um bocadinho, ok. Acontece

(A Maria estava notoriamente nervosa, embora não o explicita-se verbalmente, no entanto estava visivelmente contraindo, por isso achei necessário reafirmar para que ela se sentisse segura)

E: Está à vontade, se achares que estou a fazer demasiadas perguntas, ou alguma que não devo diz. Isto é mania de Psicólogos

M: Isto não vai ser publicado, pois não?

E: Não, não vai ser publicado tanto que eu estou a gravar que é para depois passar para o computador. No computador o teu nome e o nome das pessoas que às vezes te saia sem querer vai ser tudo modificado. A única coisa que se vai manter verdadeira é a vossa idade. É apenas para avaliar as coisas mais nada, até mesmo o nome da instituição e a casa onde estás nada disso vai ser revelado. A única coisa que as pessoas vão saber de ti é a tua idade.

E: Então nessa situação vocês começaram a mandar mensagens para outras pessoas.

M: Sim

E: Tu e a tua amiga

M: Sim

E: Eram mensagens maldosas ou era só a meter conversa?

M: Eram um bocado maldosas

E: Dás-me um exemplo de uma?

M: Hmm, é melhor não

E: Inclui asneiras é isso?

M: Sim, algumas

E: Eram agressivas ou tinham outro tipo de cariz?

M: Tinham outro tipo de cariz

E: Já estou a perceber onde queres chegar. Portanto vocês estavam a insinuar qualquer coisa.

E: No momento em que estavas com a tua colega e estavam a ter

estas práticas. Como é que vocês estavam, contentes?

M: Sei lá, mais ou menos. Porque nós queria-mo-nos vingar

E: Portanto foi um ato de vingança. Aquela rapariga fez-vos alguma coisa e vocês vingaram-se desta forma. Essa colega veio a descobrir que eram vocês?

M: Sim

E: Sentiram algum tipo de consequência?

M: Sim

E: Sentiram-se mal depois disto?

M: Sim

E: Como é que te sentiste?

M: Sentimo-nos arrependidas

E: Chegaram a pedir desculpas à rapariga?

M: Não

E: Por alguma razão especial ou porque o tempo passou?

M: Porque ela só nos ameaçava e dizia que nos vinha dar porrada e também meteu os nossos nomes no facebook e tínhamos todos os amigos dela contra nós.

E: Portanto também sofres-te na pele alguma coisa. O que é que aconteceu quando a moeda se voltou?

M: Eles chamavam-me nomes e era só

E: Nunca ninguém publicou vídeos teus ou te de alguém?

M: Não

E: Às vezes essas situações são mais complicadas de resolver.

E: De alguma forma, o facto de teres tido este comportamento alguma vez te provocou algum constrangimento. Imagina uma vez que vás a passar na rua e umas colegas olharem para ti de lado por saberem da tua história?

M: Não

E: O facto de estares numa Instituição teve alguma coisa a ver com o teu comportamento, ou o comportamento das outras pessoas para ti?

M: Não

E: As pessoas olham para ti de maneira diferente por seres acolhida?

M: Não

E: Como é que te descreves como pessoa?

M: Tímida, divertida, simpática, vingativa, às vezes maldosa

E: E como é que achas que as pessoas te veem?

M: Da mesma maneira

E: E quando tiveste este comportamento (cyberbullying) afetou a maneira como as pessoas te viam a ti?

M: Não

E: Nós estamos a falar aqui de um termo, o da cyber-agressão, o que é que te vem à cabeça?

M: Internet

E: Mais alguma coisa?

M: Só isso

E: Costumas pensar no teu futuro?

M: Sim

E: E pensas muito no teu futuro?

M: Sim

E: Achas que este comportamento de alguma forma terá alguma consequência no futuro?

M: Eu espero que não

E: E em que sentido pensas no teu futuro?

M: No período, a escola, as coisas que quero fazer

E: Na escola, tu estás em que ano?

M: No 9º ano

E: Vais passar para o 10º ano?

M: Sim

E: Já pensas no curso?

M: Já

E: Qual é?

M: Humanidades?

E: E o que queres fazer como profissão?

M: Psicologia criminal

E: O que sabes sobre psicologia Criminal?

M: Tem que ver com criminosos e podemos acompanhar na prisão?

E: Achas que devia de haver uma punição para as situações de cyberbullying? Não te estou a culpar

M: Sim

E: Como é que achas que devia de ser

M: Uma punição levezinha

E: Cadeia, serviço comunitário, multa?

M: Uma multa

E: Tu tiveste estes comportamentos agressivos, mas também foste vítima. O que é que sentiste quando foste vítima?

M: Como a rapariga está longe, ela dizia que vinha cá a Portugal bater-nos e os amigos dela também, por isso eu não me senti muito ameaçada.

E: A situação resolveu-se por ela própria?

M: Depois nunca mais falámos

E: Na internet falas com pessoas estranhas, ou só conhecidos?

M: Não, só conhecidos

E: É só conhecidos conhecidos, que tenhas dito olá pelo menos uma vez?

M: Conhecidos conhecidos

E: São pessoas que conheces cá fora na rua?

M: Não, nem todas

E: Tens alguém no facebook que não viste em pessoa?

M: Muitas

E: Mas sabes quem elas são porque são conhecidas de outras pessoas amigas?

M: Sim. Mas há outros que não

E: Falas com essas pessoas

M: Não

E: Tens apenas adicionadas?

M: Elas enviam-me pedido e eu aceito

E: Mas tens alguma razão para aceitar?

M: Então porque não vejo mal nenhum nisso

E: Nunca nenhuma dessas pessoas estranhas meteu conversa contigo?

M: Já

E: Eram conversas de que tipo?

M: Começavam por olá, mas depois acabava por bloqueá-las. Porque tinham um carácter esquisito.

E: Um carácter esquisito como assim? Faziam muitas perguntas?

M: Pareciam pedófilas

E: Mas o que te fazia pensar dessa forma, era algum instinto ou alguma coisa relacionada com a conversa?

M: A imagem (foto de perfil)

E: E as conversas eram de que tipo?

M: Era só mesmo olá

E: Era só olá, não diziam mais nada?

M: Não, eu não respondia e eu bloqueavas

E: Tiveste alguma conversa que foi mais longe?

M: Não

E: Sabes que dentro do mundo virtual há muita gente que se aproveita e marca encontros inclusive e muita gente cai nessa alhada.

E: As conversas que mencionas-te, aconteceram já estavas aqui (Instituição)?

M: Sim

E: O nível de controlo da internet é igual em casa e aqui (Instituição)?

M: Sim é igual

E: E o controlo depende de ti ou de outras pessoas?

M: Depende de mim

E: Aqui já tiveram algumas conversas sobre esta temática?

M: Já

E: Podes dizer o que se tratou?

M: É sempre a mesma coisa, para não falarmos com estranhos e só isso

E: Já pensas-te porquê?

M: Porque há consequências graves

E: Podes dar exemplos das consequências

M: Roubos, pedofilia

E: És uma pessoa muito ansiosa?

M: Um bocado

E: O que é que te torna ansiosa?

M: A escola

E: O que é que sentes na escola?

M: É mais os testes

E: Estás no 9º ano vais fazer exame não é? É quando ?

M: É na sexta-feira

E: Estas nervosas então. Sentes-te assim todos os testes

(Anuiu com a cabeça)

E: O tempo no computador, achas que prejudica a tua vida na escola?

M: Não

E: Quando estas ansiosa o que fazes?

M: Não controlo

E: E como é que a tua ansiedade se manifesta é só tremor das pernas?

M: Às vezes fico sem falta de ar e outras vezes não consigo comer por causa da ansiedade.

E: Tomando estes sintomas como exemplo, quando passas-te pela situação de cyberbullying, sentiste algum destes sintomas?

M: Não

E: Estavas calma. Se calhar porque a outra pessoa estava longe

M: Sim

E: Se tivesse perto?

M: Era pior

E: Ias-te sentir ansiosa?

M: Sim

E: Sentir-te-ias ansiosa das suas maneiras. Quer pela agressão quer pela ameaça?

M: Só como ameaça

Terminei a entrevista e reassegurei a participante de que tudo estaria salvaguardado ao nível da confidencialidade.

Agradei a sua participação.

Leonor, 13 anos

L: Leonor

E: Entrevistadora

E: Olá eu sou a Flávia. Lembras-te do inquérito que fizeste aqui à

uns tempos?

L: Sim

E: Lembras-te do que é que se tratava?

L: Sobre a violência na net. Tínhamos de ter cuidado por termos amigos que não conhecemos e falarmos com eles

E: Exato era sobre isso. Nós vamos falar agora de uma coisa específica que é o cyberbullying. Sabes o que é?

L: Não

E: O cyberbullying é quando as pessoas na internet que conhecemos e desconhecidos são agressivos connosco. Chamam-nos nomes, causam discussões, postam vídeos nossos, ameaçam-nos, fazem esse tipo de coisas quer pela Internet quer pelo telefone. É disso que vamos falar hoje. Fica à vontade para responder, se vires que é uma pergunta muito pessoal, podes dizer que eu faço outra pergunta.

E: Já tiveste alguma situação assim?

L: Não

E: Alguém que tenha sido mau para ti na Internet?

L: Não

E: De certeza?

L: Sim

E: Chegas-te alguma vez a ser má para alguém pela Internet?

L: Não, acho que não

Neste momento, parei a entrevista e peguei na folha de inquérito da participante onde esta tinha assinalado com “muitas vezes”, o segundo item da escala CYBVIC- Escala de Violência sofrida através do telemóvel e Internet, “Já fui forçado a fazer coisas que não gostaria por causa de ameaças (dar dinheiro a alguém, fazer o trabalho de outros)” e mostrei-lhe.

E: Queres falar um pouco desta história?

L: Não

E: Foi uma história difícil?

L: Sim

E: Então em vez de falarmos da história, vamos falar à volta da história. Portanto foi uma história difícil. Sentiste-te magoada com a situação?

L: Sim

E: Como é que te sentiste?

L: Fiquei nervosa, muito triste por me terem feito aquilo.

E: Sabes porque te fizeram aquilo?

L: Não

E: Conhecias as pessoas que estavam a fazer isso contigo?

L: Não

E: Eram desconhecidos então. E foi através do quê? Do facebook?

Foi por outro lado?

L: Foi através do facebook

E: Tu sentiste-te nervosa e chateada. Falas-te com alguém?

L: Não

E: Quanto tempo durou?

L: Uma semana

E: Estavam todos os dias a chatearem-te?

L: Não. Era só as vezes

E: Já estavas a qui na casa quando isso aconteceu?

L: Sim

E: Achas que isso aconteceu porque estavas aqui ou não teve nada que ver com isso?

L: Aconteceu porque estava aqui na casa

E: Como é que terminou a história?

L: Quando a irmã responsável da casa se apercebeu que eu estava nervosa, veio falar comigo e eu contei-lhe tudo.

E: O que é que a irmã responsável fez?

L: Falou com a Dra. (Psicóloga da casa) e acabaram por fazer queixa à polícia. Não sei mais o que fizeram a partir daí.

E: Nessa situação que aconteceu, houve alguma partilha de fotografias?

L: Não

E: Depois da queixa à polícia a situação acalmou?

L: Sim

E: Depois desta situação alguma vez te chatearam mais?

L: Não a partir dessa altura, nunca mais me chatearam

E: Ainda hoje ficas nervosa com a situação que se passou?

L: À noite às vezes sonho com isso e fico nervosa

E: Como é que tu te vês como pessoa?

L: Sou alegre, mais ou menos simpática, fico chateada quando me chateiam o juízo como a minha irmã, fico amuada quando me avisam e sou respondona.

E: Achas que o que te aconteceu te mudou como pessoa?

L: Sim acho que me mudou

E: Em que sentido

L: Eu fiquei mais feliz por ter terminado, e fiquei menos respondona.

E: Portanto toda aquela situação fazia com que tu fosses um bocadinho má para com as outras pessoas, por estares tão nervosa. Agora estás mais aliviada?

E: Essa situação aconteceu há muito ou pouco tempo?

L: Foi há muito

E: Mais de um ano?

L: Sim foi o ano passado

E: Tu geralmente és uma pessoa ansiosa?

L: Sim

E: O que é que te faz ansiosa?

L: São os meus amigos

E: Deixam-te ansiosa?

L: Sim, principalmente quando têm alguma surpresa para mim e não me dizem o que é, nem me mostram logo.

E: és sempre ansiosa assim, com todas as coisas?

L: Sim

E: Achas que as pessoas te veem de maneira diferente por estares nua casa?

L: Não

E: Sem ser a situação que passas-te houve mais alguém que foi incorreto contigo, pela internet, contigo por pertenceres a uma casa?

E: Vês-te como uma ciber-vítima?

L: Sim

E: Pensas no teu futuro?

L: Sim

E: Achas que isso (situação de cyberbullying) vai influenciar o teu

futuro?

L: Acho que sim

E: Em que sentido?

L: Eles podem voltar a chatear, podem voltar a ameaçar e eu tenho medo disso.

E: Tens mais pessoas que te ajudam nestas situações?

L: Os meus pais

E: Também te ajudaram quando aconteceu essa situação?

L: Foram os primeiros logo a saber. Eu dei-lhes a password do meu facebook e eles (agressores) falavam com eles (pais) a pensar que era eu.

E: Já agora à pouco falas-te como é que tu te vias, como é que achas que as outras pessoas te veem?

L: Não sei, acho que me veem feliz e que gosto de aqui estar (Instituição).

E: Estas em que ano?

L: Estou no 6º ano

E: Aqui em casa vocês falam sobre estas situações (cyberbullying; perigos online)?

L: Não. Eu só fala com a minha irmã

E: Não falas aqui em casa?

L: Não

E: Mas porque não confias em ninguém ou por outra razão?

L: É porque a minha irmã é mais velha e já passou por muitas situações destas e portanto já sabe.

E: A tua irmã tem quantos anos?

L: Tem 20

E: Falas com a tua irmã muitas vezes ou poucas?

L: Falo às vezes?

E: Usas muito o computador?

L: Não só aos fins-de-semana

E: No teu facebook tens muitos amigos?

L: Tenho 360

E: Conheces toda a gente? Já disseste pelo menos uma vez olá na vida real a cada um?

L: Sim à excepção de uma pessoa, porque é da Austrália, mas é meu

avô e eu ainda não o conheci. Mas eles conhecem-me desde bebé.

E: O facebook também serve às vezes para essas questões. Encontrar alguns familiares e manter o contacto.

E: Há quanto tempo é que estás aqui (Instituição)?

L: Estou quase a fazer 2 anos

E: És uma pessoa alegre, nunca te sentes triste ?

L: Só às vezes, quando estou sem ver os meus pais muito tempo

E: Sentiste-te triste também na situação do computador também?

L: Sim

E: Alguma vez partilhaste fotos com alguém?

L: Só com os meus pais e a um primo meu da Austrália.

E: Sempre foste assim responsável no computador?

L: Sim

Terminei a entrevista e desejei umas boas férias à participante